

O ENSINO DA ANATOMIA HUMANA NO CURSO DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS — AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

Euclides Gomes Barbo de Siqueira Neto*

Jussara Rocha Ferreira**

SIQUEIRA-NETO, Euclides Gomes Barbo; FERREIRA, Jussara Rocha. O Ensino da Anatomia Humana no Curso de Medicina da Universidade Federal de Goiás - Avaliação e Perspectivas. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*; 5(1): 41-50, 2001

RESUMO: O presente trabalho é pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, explicativa, através de um estudo de caso da disciplina de anatomia humana para os alunos do curso de graduação em medicina da Universidade Federal de Goiás, objetivando avaliar a adequação do ensino para o profissional médico. Recolhemos literatura, buscamos documentos e entrevistamos professores antigos e atuais. Os entrevistados se pronunciaram quanto à profundidade, extensão e adequação do ensino, a evolução ao longo do tempo e nas mudanças ocorridas nos cursos práticos e teóricos, a forma de abordar o programa. No desenvolvimento do trabalho foram evidenciados os problemas ocorridos com a implantação do ciclo básico nas Instituições de Ensino Superior, problemas didático-pedagógicos, além de ter sido notada uma falta de objetividade no direcionamento do conteúdo para o curso de medicina, onde prática e teoria devem ter maior integração e direcionamento para a aplicação profissional. Com relação às perspectivas futuras embora o corpo docente tenha melhorado a sua qualificação e a unidade de ensino esteja melhor equipada, isto ainda não refletiu, até o momento, na qualidade do curso de graduação, e será necessário avançar na proposta pedagógica, adequando-a a atual realidade de mercado.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação do ensino; ensino de anatomia; ensino e qualificação.

THE TEACHING OF HUMAN ANATOMY IN UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS: THE COURSE OF MEDICINE— EVALUATION AND PERSPECTIVES

SIQUEIRA-NETO, Euclides Gomes Barbo; FERREIRA, Jussara Rocha. The teaching of human anatomy in UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS: the course of medicine-Evaluation and perspectives. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*; 5(1): 41-50., 2001

ABSTRACT: The present work consists of descriptive research of qualitative and explanatory nature, through a case study of the teaching of the discipline of human anatomy for Universidade Federal de Goiás graduate students of medicine, aiming at the evaluation of the adequacy of the teaching for the medical professional. Literature gathering, search for documentation and interviews with former and present Professors were proceeded. The interviewed persons manifested on the thoroughness, extension and suitability of the teaching, the evolution through time of theoretical and practical courses, as well as regarding the approach to and changes of the program. During the development of the program some problems that occurred in the implementation of the basic cycle in the institutions for higher education became evident, as well as didactic and pedagogic problems, besides lack of objectiveness in the approach to the medicine course's program, where theory and praxis should be more integrated and directed to professional application. Regarding the future perspectives, although the professoriate had its qualifications improved and the teaching unit is better equipped, this does not reflected, until this moment, in the quality of the graduation course, and it will be necessary to enhance the pedagogic proposal, making it suitable to

*Prof. auxiliar do Departamento de Morfologia – ICB. Universidade Federal de Goiás – GO.

**Professora titular do Departamento de Morfologia da Universidade Federal de Goiás – GO.

Endereço: Jussara Rocha Ferreira. Rua 111, nº 250 – Setor Sul. 74085-130. Goiânia – GO.

the current market reality.

KEY WORDS: Anatomy teaching; teaching and qualification; evaluation of higher education

Introdução

A disciplina de anatomia humana existe na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (UFG) desde a sua fundação estando na grade curricular do primeiro ano. Foi orientada por muitos anos, pelo emérito professor e cirurgião geral Raul Conde, que tinha uma dedicação ao ensino e rigorosidade exemplar, vista com frequência nos docentes mais antigos. A chegada de novos docentes foi compondo a equipe profissional desta instituição, em virtude da ampliação de vagas nas Universidades, notadamente nos anos 80. Atualmente as disciplinas de anatomia são ministradas no primeiro ano aos cursos de: medicina, odontologia, farmácia, nutrição, enfermagem, ciências biológicas e educação física.

Com o passar dos anos, uma visão diferente para os diversos cursos, foi se fazendo sentir. Em algumas universidades, tem-se ensinado anatomia humana por sistemas, isso facilitou ao professor que a cada momento vem-se tornando mais especialista. Alguns cursos da UFG já se enquadram na metodologia por sistemas, sendo este um aspecto importante na redefinição da disciplina ofertada ao curso de Medicina.

A história da anatomia segundo os autores se confunde com a própria história da medicina que como ciência começou a ser formada entre os gregos (LIMA, 1944; GARDNER, *et al.* 1964; LOPES, 1970; DIDIO, 1985 e BARQUÍN, 1994). Durante mais de mil e quinhentos anos, no célebre tratado de Galeno (Da utilidade das partes do corpo humano) foi o tratado no qual aprenderam anatomia e fisiologia todos os médicos.

No Brasil, D. João VI inaugurou em Salvador, Bahia, a Escola de Cirurgia no Hospital Real, onde seria ensinado anatomia, cirurgia e obstetrícia. No ano de 1832, o Governo Regencial, atendendo a lei do parlamento, cria a Faculdade de Medicina do Brasil. No Rio Grande do Sul, um ex-diretor do Instituto de Anatomia desenvolveu estudo o qual intitulou: "Súmula histórica sobre o ensino da anatomia em Porto Alegre". Em São Paulo, em 1891, criou-se a Academia de Medicina e Farmácia, que jamais funcionou, foi transformada em 1912 na Faculdade de Medicina e Cirurgia, onde em 1914

Afonso Bovero assumiu a cátedra de anatomia. No ano de 1952 foi criada a Sociedade Brasileira de Anatomia (SBA) em um encontro realizado no Departamento de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tendo o professor Fróes da Fonseca, indicado o professor Renato Locchi como o primeiro presidente desta sociedade, (DIDIO, 1985).

Sobre o ensino e o ensino da anatomia, os autores pensam que o atual concurso de habilitação exigido dos candidatos ao curso de graduação nada informam a respeito de certas qualidades primordiais que devem ser exigidas dos que pretendem graduar-se, um dia em profissões da área de saúde (OSÓRIO *et al.*, 1959).

Segundo DOWLING (1970) e COLLI (1973) nos últimos anos a educação médica tradicional vem sofrendo pressões múltiplas que, se não abalaram os alicerces de sua estrutura inerte, pelo menos tiveram o mérito de levantar a poeira acumulada durante muito tempo. Não querendo criticar uma estrutura que educou profissionalmente um grande número de pessoas, os autores querem apenas atestar um fato que está ocorrendo não somente no Brasil mas também em toda a América Latina, as escolas médicas não responderam adequadamente e em tempo hábil à evolução natural das sociedades a que pertencem.

Entre as causas da decadência do ensino médico que são múltiplas, mas fundamentalmente ligadas ao problema da explosão demográfica estudantil, é a ilusão dos reformadores do ensino médico em querer aplicar a um país pobre e de relativa cultura como o Brasil o que existe em países ricos e de cultura bem sedimentada. As raízes do problema são bem mais profundas, vêm surgindo desde os cursos primário e secundário, nos quais além da precariedade do ensino, sobretudo humanístico, incute-se no estudante um tal espírito de independência e de autosuficiência que se confunde com indisciplina e desleixo, além de se confundir as palavras, informações e cultura como sinônimos. (MICHALANY, 1977 e 1984).

Com relação à aprendizagem, a partir da metade final do século passado, tem sido colocada a necessidade de se considerar as relações interpessoais na sala de aula, que mantém princípios de qualidade

se houver interação entre educador e educando (WINGO, 1968; PINTO, 1969). LOCCHI (1954) distribuiu a disciplina de anatomia em dois anos para o aluno dispor de mais tempo e aprender a estudar.

THIOLLENT (1979), discutindo os aspectos sociais da didática universitária, considera que os sistemas de aulas magistrais foi criticado duramente por não estimular a participação dos alunos e que em matéria de didática universitária, deve-se questionar as resistências e as possibilidades de modificação da didática vigente, levando em consideração, as relações sociais, os modelos culturais e o contexto institucional que a envolvem. A partir da reforma universitária de 1970, os educadores têm questionado o ensino de graduação no ciclo básico colocando os problemas do ensino indiscriminado de anatomia aos diversos cursos (CASTRO, 1979; NALE & PEDRAZZANI, 1988; ABREU, 1991) da desatualização dos conteúdos ensinados em relação à pesquisa (SAMPAIO, 1983), do aspecto dos docentes do ciclo profissionalizante terem deixado de ter acesso ao planejamento e organização das disciplinas básicas (BAPTISTA, 1988), da necessidade de se fazer uma abordagem integrada entre os conteúdos das diversas disciplinas (ROTA, 1988), da proposta pedagógica que na sua dinâmica não ensina o aluno a vincular teoria com prática (FERREIRA, 1998), para que o aluno, além de reter o conhecimento saiba trabalhar a sua transferência para a comunidade (FERREIRA, 1998 e FERREIRA *et al.*, 1999).

A avaliação da aprendizagem escolar no Brasil, tomada *in genere*, está a serviço de uma pedagogia dominante liberal conservadora da sociedade que produziu três pedagogias diferentes, mas relacionadas entre si e com um mesmo objetivo: conservar a sociedade na sua configuração: a pedagogia tradicional, centrada no intelecto, na transmissão do conteúdo e na pessoa do professor; a pedagogia renovada ou escolanovista, centrada nos sentimentos, na espontaneidade da produção do conhecimento e no educando com suas diferenças individuais; e por último, a pedagogia tecnicista, centrada na exacerbação dos meios técnicos de transmissão e apreensão dos conteúdos e no princípio do rendimento. Nesta perspectiva, os elementos destas três pedagogias pretendem garantir o sistema social, na sua integridade. Para traduzir as aspirações do modelo social, através da educação, estabelece-se um ritual pedagógico, de

contornos suficientemente definidos, de tal forma que o sistema permaneça intocável (LUCKESI, 1983 e 1984).

Nossa proposta, vivenciando como docentes de anatomia da UFG, foi recuperar fatos do passado, analisar o presente e projetar perspectivas futuras. Acreditamos que a partir de fontes documentais, revisão de literatura e depoimentos de docentes, poderemos rever o processo histórico e a partir dele analisar criticamente as vivências acontecidas, e programar para os cursos ministrados, um planejamento pedagógico com conteúdos adequados ao mundo do conhecimento, que exige dos profissionais, atualização constante, competência e uma visão multidisciplinar da ciência, neste contexto de novos paradigmas do mundo globalizado.

Material e Método

A presente pesquisa é de natureza qualitativa descritiva, tendo como proposta avaliar o processo histórico do ensino da anatomia humana para o curso de medicina na Universidade Federal de Goiás. Neste caso, o estudo descritivo representou um nível de análise que permitiu identificar os fenômenos, possibilitando, também, a ordenação e classificação destes.

TRIVIÑOS (1987) referiu que os estudos descritivos exigem do pesquisador uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar: "...pretendem descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade... eles não ficam simplesmente na coleta, ordenação, classificação dos dados... o foco essencial destes estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores, sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores... os métodos de ensino".

O método explicativo, no presente estudo utiliza o estudo de caso e a análise documental. Esta pesquisa teve como objetivo:

1. analisar o passado, o presente e as intenções pedagógicas de uma unidade de ensino (unidade social), o Departamento de Morfologia do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFG, avaliando o ensino da anatomia para o curso de medicina;
2. avaliar, a partir dos resultados, as perspectivas futuras do ensino da anatomia com a comunidade

docente da unidade de ensino analisada.

Segundo LUDKE & ANDRÉ (1986) “o estudo de caso distingue-se de outros tipos de pesquisa, porque o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada”.

A opção pela abordagem qualitativa se deveu ao nosso interesse em estudar o problema no ambiente em que ele ocorreu, proporcionando assim a oportunidade de um contato direto com a situação e verdadeira interação entre pesquisador e “pesquisados”. Três (03) são as considerações que justificam a opção pela escolha da metodologia:

1. as evidências que durante o tempo em que ensinamos anatomia fomos conduzidos a um despertar para a necessidade de avaliar os problemas detectados, na relação ensinar/aprender;
2. as informações, através de depoimentos dos docentes que indicavam a necessidade de uma busca mais estruturada da fixação dos conhecimentos de anatomia pelos alunos;
3. o conhecimento teórico e prático acumulado sobre o ensino no ciclo básico, confrontado com as necessidades de um acadêmico que necessita cada vez mais fazer uma opção profissional verticalizada para uma especialidade médica aliada a uma visão interdisciplinar da ciência.

O estudo ocorreu em quatro fases como segue: fase exploratória; coleta de dados (documentos e depoimentos); organização, análise e categorização dos dados; e validação dos resultados.

Fase Exploratória.

Esta fase, constitui-se no processo da especificação das questões dos pontos críticos para estabelecer os contatos iniciais, entrar no campo da pesquisa, localizar os informantes e as fontes de dados necessários para este estudo. Realizamos contatos informais com professores responsáveis pela disciplina. Também ficaram definidos, nesta fase inicial, os critérios para determinação da amostra, a qual seria composta por professores que já tivessem lecionado a disciplina de anatomia para o curso de medicina em anos diversos.

A coleta de dados ocorreu no período de aulas, por dois anos letivos, consecutivos, com a aquiescência e motivação dos professores. O instrumento utilizado para coleta

de dados foi um questionário com perguntas fechadas e abertas, tendo sido necessário recorrer a entrevista para seu preenchimento. Caracterizamos a entrevista como do tipo semi-estruturada, porque “se desenrolou, a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistado fizesse as necessárias adaptações”. Procuramos introduzir na técnica utilizada a sensação de “utilidade” ao entrevistado e sua “importância” para as metas que o trabalho pretendia atingir. Este foi o questionário: instrumento de coleta de dados. Estas questões visam detectar a experiência docente no processo histórico do ensino de anatomia para o curso de medicina do ICB/UFG – todos os itens são de resposta livre. Você é docente da UFG há quantos anos? Deponha livremente sobre os fatos que você vivenciou na evolução do ensino durante os anos que trabalhou nesta instituição. Houve orientação e treinamento de pessoal técnico e investimento em política de qualificação docente? A qualificação técnica e docente melhorou a perspectiva da pesquisa e alterou a qualidade de ensino? As propostas e tendências pedagógicas passadas e presentes estão baseadas na atualização constante ou o ensino é mais tradicional? O ensino de anatomia para o curso de medicina associa ou dissocia conteúdos da disciplina entre si e desta com outras? Qual o processo de avaliação utilizado nas disciplinas? O docente é livre para responder as questões ou poderá fazê-lo na forma de entrevista com horário agendado de sua preferência com um dos responsáveis pela pesquisa.

Na organização, análise e categorização dos dados, a base foi o referencial teórico, no qual nos apoiamos através das leituras sucessivas, das informações obtidas e do conteúdo das entrevistas, procurando captar significados que configurassem a categorização dos elementos contidos nos depoimentos. A identificação das categorias iniciou-se a partir da análise do conteúdo das entrevistas através das quais estabelecemos a classificação temática, como principais categorias: considerações sobre a história da anatomia; considerações sobre a história da anatomia na UFG; o ensino da anatomia humana no curso de medicina da UFG; perspectivas futuras do Departamento de Morfologia da UFG frente ao impacto das novas tendências pedagógicas.

Na validação dos resultados foram confrontados os depoimentos entre si, com a literatura

e com as fontes documentais. Na literatura consultada, que nos serviu de suporte metodológico, encontramos na fala de LUDKE & ANDRÉ (1986), o seguinte argumento que nos auxiliou na maneira de validar os resultados: “...em função do conhecimento experiencial do sujeito, no momento em que este tenta associar dados encontrados no estudo com dados que são frutos de sua experiência pessoal...”

Todo o processo de categorização foi apresentado e discutido com os sujeitos da pesquisa e com a orientadora deste estudo. Segundo Guba & Lincoln *apud* LÜDKE & ANDRÉ (1983) “...as pessoas que fornecem as informações estão provavelmente na melhor posição de atestar ou não a relevância de certos itens, já que mais estão próximas à situação estudada que o próprio pesquisador...”

A seguir ilustramos com o depoimento de docentes, alguns dados sobre a validação dos resultados. Para resgatar a memória dos conteúdos que foram ensinados nos primeiros anos, os docentes da área de aplicação, no ciclo profissional, tiveram dificuldades com os alunos em relação aos conhecimentos anteriores de anatomia. Na fala de dois docentes pode-se perceber a preocupação com os mecanismos de fixação de aprendizagem:

“...ao chegar ao 4º ano o aluno repassa com dificuldade os conhecimentos adquiridos em anatomia...”

“...historicamente, acredito que entre outros fatores, um dos problemas da fixação da aprendizagem, deve-se ao fato de que nesta unidade de ensino, os alunos não recebem instruções por escrito (programas, roteiros de estudo, manuais de orientação de dissecação etc.)”.

Outra docente acredita que o ensino está quase que sempre centrado na figura do professor ou instrutor (monitor), não remetendo o à leitura ou à busca estruturada do conhecimento. Com relação a este particular a docente esclareceu que:

“...ensinar anatomia exige da orientação da disciplina uma série de procedimentos pedagógicos para indicar o caminho ao aluno. Estamos lidando com os três domínios; cognitivo, afetivo, psicomotor. É necessário que sejam adequadamente explorados. É importante usar instrumentos de fixação da aprendizagem que reforcem o conhecimento e a compreensão para que o aluno não seja um “decorador” do conteúdo, o que não conduz à competência...”

Resultados e Discussão

A disciplina de anatomia humana faz parte da grade curricular (currículo mínimo), de todas as profissões na área de ciências da saúde e ciências biológicas. Na UFG, esta disciplina apareceu já na fundação da instituição porque em 14 de dezembro de 1960, quando a Universidade foi criada, na reunião das cinco escolas que foram integradas (Faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia, Engenharia, Medicina e Conservatório de Música), esta disciplina já era ministrada em duas destas unidades de ensino. Em 16 de dezembro de 1968, foi aprovado um plano de reestruturação da UFG, através do decreto nº 63;817/68, que instituiu como unidade de ensino o Instituto de Ciências Biológicas, ICB e teria como objetivos básicos: a pesquisa na área e o ensino das disciplinas fundamentais de diversos cursos, dentre estes, o de medicina. O ICB, a princípio, com seis departamentos, entre eles, o de anatomia, passou a ter a partir de 1997 três departamentos, sendo que as disciplinas de anatomia fazem atualmente parte do Departamento de Morfologia. A anatomia humana atualmente ministrada aos alunos do curso de medicina foi o foco da seqüência de nossas considerações.

Relembrando que a escola de anatomia no Brasil teve suas raízes históricas assentadas no período do império, quando D. João VI inaugurou, em Salvador, a Escola de Cirurgia no Hospital Real, as cátedras de anatomia sofreram desde então fortes influências das escolas européias.

Em 16 de abril de 1925, o professor Bovero, diretor do Departamento de Anatomia, Histologia e Embriologia, obteve a nomeação do Professor Renato Locchi para o cargo de primeiro assistente em anatomia. “Esta nomeação constitui-se um marco histórico da educação médica do Brasil, pois foi a primeira feita oficialmente em tempo integral, nos moldes do que hoje se concebe como o regime de dedicação exclusiva...” (DIDIO, 1985). Passados alguns anos, em Belo Horizonte, um dos discípulos da escola boveriana, o professor

Raul Conde, foi para Goiás, para ali iniciar a anatomia com a criação da Faculdade de Medicina da UFG e mais tarde unificar a anatomia como departamento, quando da criação do ICB. Segundo relato de pessoas da época, o professor Raul Conde veio para Goiás na seguinte condição: "...com a sua vontade e um esqueleto debaixo do braço, iniciou o ensino da anatomia..."

Durante o VIII Congresso Brasileiro de Anatomia realizado em São Paulo, em julho de 1993, em conversa informal com uma docente depoente da UFG, um ex-professor, referindo-se ao seu ex-aluno, o professor Raul Conde, fez o seguinte comentário: "...o Raul foi o discípulo mais dedicado que eu tive..."

Quando a anatomia foi analisada genericamente como ciência, tem-se de considerar a sua trajetória histórica dentro do contexto em que desenrolaram os acontecimentos ao longo do tempo. Os autores buscam, a partir de Heráclito, Hipócrates e Platão etc, os alicerces deste início, ficou para nós a evidência de que o ensino esteve arraigado em costumes de um passado de mitos, pressões e medos. A escola anatômica no Brasil, a partir de Bovero, pode ser considerada atrelada a uma visão dinâmica a busca do novo nas ações. (LOCCHI, 1954; LIMA, 1944 e DIDIO, 1958). Esta tendência, quando os discípulos se espalharam para as escolas novas como foi o caso da UFG, não se concretizou, pois segundo os depoimentos o ensino aqui foi sempre o tradicional centrado na figura do professor.

Considerando que fazer escola é fazer parte da história e participar do processo de desenvolvimento da região geo-política em que os fatos sucederam, não foi fácil, a não ser para homens fortes, iniciar uma disciplina de anatomia humana no "cerrado ou no sertão" na década de 60. Mas, o fato é que isto aconteceu.

Os professores que integraram no início o quadro docente da Faculdade de Odontologia e Farmácia da Cidade de Goiás (antiga capital do Estado) já tinham participado em parte desta história primordial da "Escola Anatômica Goiana". Com a criação da nova capital do Estado, a cidade de Goiânia, estas duas faculdades foram transferidas para a Praça Universitária. Segundo relato de um docente, que iniciou o seu curso de graduação em odontologia em 1960 e se formou em 1962 e depois

se tornou professor do quadro da Faculdade de Odontologia referindo-se ao curso da época ele recordou: "...Dávamos aula de anatomia da cabeça, anatomia dentária e escultura dentária..."

Uma outra docente aposentada informou sobre o professor de anatomia de sua época de graduação: "...o professor E. de F. era um médico baiano, muito inteligente, em nossas aulas práticas estudávamos osteologia da cabeça..."

Referindo-se a outro docente da época, a aluna/professora revelou: "...quando fui aluna, o professor D. nos levava até a Faculdade de Medicina, e lá nos mostrava os cadáveres, no prédio antigo da anatomia, na praça universitária..."

Em outro relato, o professor E.C.B. nos informou que faziam parte do quadro de docentes da anatomia na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Goiás outros colegas que ele conheceu: "...os médicos, Eduardo de Freitas; Lauro da Veiga Jardim; Edson Ribeiro e Djalma; e eu o odontólogo Edson Carvalho Barros..."

Com a criação da Universidade Federal de Goiás e a implantação da reforma universitária, as cadeiras de anatomia das faculdades existentes foram unificadas e passaram a fazer parte do Departamento de Anatomia do ICB. A criação do ICB congregou também as disciplinas de anatomia comparada tendo vindo docentes desta área para se integrar ao quadro de pessoal da UFG, o docente depoente complementou: "...da Escola de Veterinária e Agronomia vieram: Antônio Marcos Gouveia, Orlando Alves de Brito, Raul Conde e da Faculdade de Medicina: Félix Grant, Joaquim de Abreu Teixeira, Dilair Faria de Vasconcelos e Raul Conde..."

Na época da implantação da reforma universitária, exceto o curso de Medicina Veterinária, todos os outros cursos passaram a funcionar nos laboratórios de aulas práticas da Faculdade de Medicina no Campus I da U.F.G. A história da escola de medicina em Goiás e da disciplina ministrada para o curso de medicina sofreu os impactos da implantação da reforma universitária, o que foi tão bem discutido por BAPTISTA (1988), as modificações, se não ocorreram como deveriam na UFG, foi porque as soluções não foram buscadas. É difícil apontar soluções, mas COLLI (1973) colocou muitas possibilidades a OSÓRIO *et al.* (1959) e DO WLING (1970) mostraram tentativas para a melhoria no ciclo

básico destinadas a avaliar habilidades dos alunos. CASTRO (1979) referiu-se aos pontos fundamentais da abordagem da anatomia para cada curso. Estas modificações independem da história de cada escola, dependem sim dos indivíduos que fizeram a história, em cada tempo.

Resgatando algum material referente à memória do ensino da anatomia, no curso de medicina da UFG, encontramos fichas de trabalhos práticos da Cátedra de Anatomia da Faculdade de Medicina do ano de 1962. Nestas fichas os alunos eram identificados juntamente com seus parceiros de dissecação. Eram anotados no primeiro e no segundo semestre: a data das preparações feitas na prática; a nota da argüição escrita e prática; a região dissecada e preparada na prática; a finalidade do estudo daquela peça; o nome do argüidor. A frequência do aluno era anotada, além das notas dos exames, seminários, média anual e observações sobre o estudante. Em 1968, apareceu nas fichas um quadro de avaliação, onde as notas eram indicadas sob a forma de gráfico.

Os depoimentos de uma professora revelou que: "...de 1962 a 1974 as aulas teóricas eram ministradas na Faculdade de Medicina (Campus I), para todos os cursos, já a partir de 1975, no segundo semestre, passa para o Campus II o ICB III e ICB IV, onde funcionam todos os cursos com aulas teóricas separadas e aulas práticas para todos os cursos no mesmo horário. Eram divididas 7 mesas com a peça de estudo para cada professor e cada mesa composta com 4 a 5 alunos, independente de curso. As avaliações nesta época eram feitas com provas práticas, tipo espetinho de 50 questões, tendo o aluno 1 minuto para responder cada questão, e prova oral-prática dos capítulos estudados, método este, de prova oral, utilizado até 1980. Em 1980 ocorreu separação dos cursos de farmácia e biologia dos outros cursos. Em 1983 o curso de biologia voltou a ter aulas junto com o curso de medicina, pois houve aumento de créditos para curso de biologia. E ocorreu nova separação dos cursos, farmácia à noite, 2ª, 4ª e 6ª feira; enfermagem pela manhã e biologia, medicina e odontologia ficaram à tarde. Em 1984, novas mudanças, com cursos de farmácia, biologia e enfermagem pela manhã, já a tarde os cursos de medicina, veterinária e odontologia..."

Após 1986, pela manhã, pudemos constatar que funcionaram os cursos de enfermagem, nutrição, ciências biológicas, educação física, farmácia, medicina

veterinária e engenharia agrônômica com aulas teóricas e práticas em horários diferentes. No período da tarde funcionava o curso de medicina. As avaliações eram feitas através de provas práticas, tipo "espetinho", (marcava-se uma estrutura anatômica com um número e o aluno dispunha de meio minuto para dar a resposta) com 50 questões e prova escrita com 10 questões (e mais prova de dissecação no curso de medicina).

No curso de odontologia, no primeiro semestre os alunos cursam anatomia geral sistemática e no segundo semestre anatomia da face, com dissecação das regiões de abordagem clínica mais importantes na prática profissional. No depoimento da professora responsável a mesma nos informou que: "... procurou desenvolver com aluno as três áreas de domínio da aprendizagem... procurou em comum acordo com o colegiado desenvolver programação adequada ao ciclo profissional... buscando fazer avaliações variadas, que não seja apenas quantitativas, remetendo o aluno à busca, participação, leitura, porque o oposto não conduz à competência, não liberta o homem, não forma profissionais ou cidadãos".

Percebemos ao confrontar estes depoimentos com a literatura que, embora o ensino da anatomia tenha buscado formas de se adaptar às mudanças, a nós pareceu que ainda os objetivos educacionais não estão voltados para os princípios que deveriam nortear o ensino das ciências, aludidos por CASTRO (1979); COLLI (1973) e SAMPAIO (1983). Por outro lado, MICHALANY (1977 e 1984), traçando um paralelo entre cultura e informação, indica possíveis causas de decadência no ensino médico, entre elas, a prematuridade do ingresso nas escolas, abolição de provas escritas e orais, a abolição da repetição da matéria e de aulas magistrais, a contração de carga horária no ciclo básico e a desvalorização do curso médico em relação a outros cursos de graduação e aos de pós-graduação.

Neste estudo analisamos aspectos da trajetória histórica, além de tentar resgatar através dos depoimentos de docentes, as modificações que ocorreram na relação ensinar/aprender anatomia nos cursos que existiram ao longo deste tempo na UFG. Há de se considerar dois aspectos para se projetar perspectivas futuristas: a melhoria de materiais (recursos, equipamentos, novas técnicas) e a

qualificação de mão-de-obra (pessoal técnico e administrativo e docente).

Com relação ao pessoal técnico até 10 anos atrás o departamento não dispunha de mão-de-obra qualificada, hoje conta com três técnicos em anatomia e necrópsia com aperfeiçoamento na área.

Com relação ao corpo docente, resgatamos, um quadro feito por ABREU (1991), onde a autora mostrou a qualificação do corpo docente na época. Fizemos um levantamento da situação atual e estabelecemos comparações. Ficou claro o investimento desta unidade de ensino em qualificar o seu pessoal docente. Um outro aspecto importante foi que nos últimos anos a UFG está exigindo que os docentes ao ingressar na carreira cursem metodologia do ensino superior.

Buscando estabelecer um paralelo entre a forma de trabalhar no passado e o presente, uma docente comentou: "... trabalhar com anatomia sistemática é melhor do que trabalhar com topográfica, como se fez no princípio, sem orientação específica, sem livros especializados..."

Outra professora considerando a evolução do ensino nos informou que: "...sem dúvidas o que se pratica hoje é muito melhor, mais dirigido ao aluno e às necessidades do ciclo profissional até mesmo com relação à formação global do profissional..."

O professor responsável pela chefia do Departamento esclareceu que: "...É de importância fundamental o ensino destes conteúdos, pois não se pode admitir que profissionais da área de saúde não possuam o conhecimento mínimo na área morfológica". Quando se referiu a análise do passado para avaliar o presente o docente relatou que: "...Anteriormente a disciplina era mais estática no que diz respeito ao seu conteúdo programático. Hoje há uma dinâmica maior, pois os recursos audiovisuais auxiliam..."

O processo histórico foi por parte dos autores GARDNER *et al.* (1964); LOPES (1970); DIDIO (1985); BARQUÍN (1994) amplamente estudado. Consideramos falas e depoimentos de docentes antigos e atuais e os confrontamos com o trabalho de BAPTISTA (1988). Esta análise nos permitiu entender a projeção de perspectivas que uma docente depoente fez: "...futuramente poderá melhorar com o pessoal que vem de fora, melhorar o método..."

A história, a implantação de reforma

universitária, enfim, as vivências sofrerão alterações para melhor, frente ao novo, porém haverá de estar atrelado a isto o compromisso dos sujeitos envolvidos neste processo, preocupação esta expressa no depoimento que segue: "...quando eu penso que vai melhorar, quando o professor retorna da qualificação ele não quer dar aula na graduação..."

Referindo-se a qualidade dos cursos de graduação, vários autores apontam problemas e soluções, (MICHALNAY, 1977 e 1984; FERREIRA, 1998; NALE & PEDRAZZANI, 1988; FERREIRA *et al.* 1999; LIMA, 1944 e CASTRO, 1979. Com base no referencial teórico que nos apoiamos, entendemos que o investimento na adequação técnica e em qualificação de pessoal só se fará sentir quando houver compromisso docente/discente. Uma professora relata sua preocupação analisando o presente; referindo-se ao pessoal que retorna da qualificação: "...ainda não mudou a realidade dos cursos de graduação..."

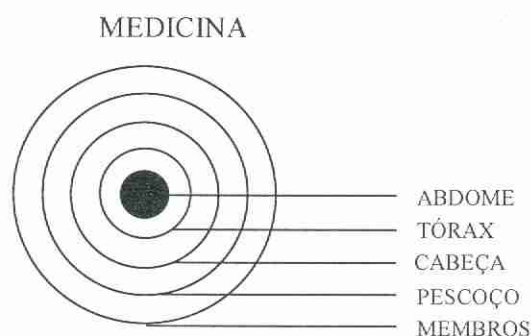
Autores educadores preocupados com os aspectos da didática universitária acreditam que os níveis de competência só serão alcançados, se houver estratégias de mudanças previamente planejadas e executadas.

Para OSÓRIO (1959); PINTO (1969); WINGO (1968); THIOLENT (1979); NERICI (1981); LUCHESI (1983 e 1984); MIRANDA *et al.* (1988) e ROTTA (1988) estas estratégias ficam claramente estabelecidas quando se estuda cada realidade e os aspectos de cada caso sejam considerados para se projetar a adequação que se pretende.

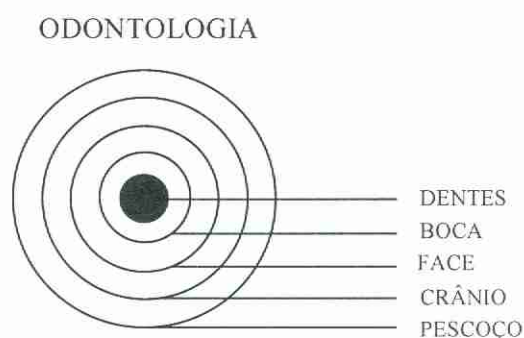
Um docente envolvido no caso do ensino na UFG declarou: "...se não é a ideal, tem-se sempre procurado melhorias, e aí, inclui-se o aperfeiçoamento de professores nos cursos de pós-graduação...". Ele acredita ainda que: "...o uso de tecnologia como computadores, vídeos, etc. possam vir a contribuir com maiores recursos para o ensino da anatomia..."

No presente estudo, detectamos que as experiências para viabilizar a aprendizagem programadas na disciplina de anatomia humana para o curso de medicina ficam sob a responsabilidade de cada docente. Estes indivíduos ficam encarregados de valorizar os recursos estruturais sociais e humanos disponíveis e reforçar a relação ensinar/aprender e os conceitos da competência baseados na ética.

Na análise da disciplina ministrada, atualmente para o primeiro ano de medicina da UFG, em conversa pessoal que tivemos com um colega médico e integrante do corpo docente daquele departamento, colhemos como dado do depoente a seguinte impressão: "...Atualmente o enfoque da disciplina é feito dando-se ênfase aos sistemas (anatomia sistemática). Percebi que enquanto os alunos estudaram o aparelho locomotor, não tiveram dificuldades, mas agora, quando passaram para o estudo da esplancnologia, apresentaram dificuldades não só em fixar o aprendizado como em reter os conteúdos, e, sobretudo, fazer uma seleção do que é importante para o conhecimento do médico..."



Este depoimento se completa a nosso ver, quando analisamos o trabalho de CASTRO (1979) quando o autor relata que a concentração de docentes em departamentos, determinou uma filosofia científica que peca pela inobservância dos princípios essenciais para a formação de um bom profissional. O centro alvo do ensino em cada curso, representaria o título de maior importância e depois os temas sucessivos iriam sendo ministrados em importância gradativamente menor, sem perda da qualidade. Esta colocação do autor é ilustrada para o curso médico na figura que segue, que analisa comparativamente dois cursos, o de medicina e o de odontologia.



Conclusões

Após ouvirmos os depoimentos dos docentes atuais e aposentados entrevistados de nossa própria vivência ensinando anatomia na UFG, julgamos que se pode concluir: a trajetória histórica do ensino de anatomia para o Curso de Medicina da UFG foi do ensino tradicional centrado no professor; somente a partir de 1985 a unidade de anatomia passou a qualificar docentes e técnicos; o corpo docente é atualmente bastante qualificado; a qualificação do corpo docente ainda não causou melhoria significativa na qualidade do ensino de graduação; a avaliação do aluno é pontual, autoritária e quantitativa; o ensino é desvinculado da pesquisa e da extensão; a vinculação do curso teórico com o prático é significativa em alguns tópicos da disciplina ficando a cargo do professor responsável; as perspectivas futuras serão promissoras se houver por parte de quem planeja o ensino mudanças nas propostas pedagógicas que se adequem as exigências atuais do mercado.

Referências

- ABREU, O.L. *Contribuição ao ensino de anatomia na formação do enfermeiro – um estudo direcionado à prática de enfermagem em saúde pública na consulta pré-natal*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1991. 211p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Escola de Enfermagem Anna Nery. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.
- BAPTISTA, S.S. *O Averso da convivência*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. 136p. Tese (Livre Docência) Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.
- BARQUIM, M. *História de la Medicina*. 8. ed. México: Interamericana, 1994. 400p.
- CASTRO, S.V. *Anatomia Fundamental*. 3. ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 1972. 586p.
- _____. Ensino da Anatomia. *Acta. Biol. Par.* 8(9): 3-6, 1979.
- COLLI, W. Ensino Médico – proposta de um novo currículo. *Ciência e Cultura*. 25(8): 720-34, 1973.
- DIDIO, L.J.A. *Biografia do Professor Renato Lócchi*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985. 160p.
- DOWLING, M.A.C. Educação Médica: novos conceitos, novos recursos. Primeiro Curso de Pedagogia Média. Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. *Apostila*. p. 9. 1970.

FERREIRA, J.R.. Ensinando ao Contrário. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*. 2(3): 257-268, 1998.

FERREIRA, J.R. *et al.* O ensino do corpo humano programado nos cursos de licenciatura. *Arq. Apadec*. 3(1):41-47, 1999.

GARDNER, E.G.; GRAY, D.J.; O'RAHLLY, R. *Anatomia, estudo regional do corpo humano*. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1967. p.1-18.

LIMA, J.A.P. *Estudo de anatomia artística*. Porto: Enciclopédia Portuguesa Ltda. 1944. p. 1-22.

LÖCCHI, R. Sobre o ensino da anatomia na Faculdade de Medicina de São Paulo. *Folia Clinica et Biologica*. 22 (3 e 4): 185-186, 1954.

LOPES, O.C. *A Medicina no tempo*. São Paulo: Melhoramentos, 1970. 339p.

LUCKESI, C.C. Elementos para uma didática no contexto de uma pedagogia para a transformação. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 3., São Paulo, 1983, *CEDES*, p. 202-212. Simpósio.

_____. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 3. São Paulo. 1984. *CEDES*, p. 6-12. Artigo completo.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986. 99p.

MICHALANY, J. O ensino da medicina de ontem e de hoje. *Perspectivas Médicas*. 3(1): 5-11. 1977.

_____. Informação, Cultura e Medicina. *Med. Cult*. 39 (3): p. 137-138, 1984.

MIRANDA, A.A.; MIRANDA, J.F. e PENHAVAL, F.A.S. Uma proposta de programa de anatomia para cursos da área biomédica básica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA PSICOSSOMÁTICA, 6., 1986, Curitiba. sociedade Brasileira de Medicina Psicossomática. *Anais...* Curitiba, 1988. p.

NALE, N.; PEDRAZZANI, J.C. Descrição e análise de uma sistemática para elaboração de propostas curriculares a partir de um estudo sobre ensino de anatomia. *Ciência e Cultura*, 40(11):1063-1073, 1988.

NERICI, E.G. *Metodologia do ensino: uma introdução*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1981. p.

OSÓRIO, P.A. *et al.* Tentativa de aplicação do teste de aptidão manual a candidatos ao curso de odontologia. *Rev., Bras. de Odontologia*. 17(1): 254, 1959.

PINTO, L. Metodologia e implantação do ciclo básico unificado na universidade. Primeiro Curso de Pedagogia Médica de Goiânia. Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. *Apostila*. 1969. p. 12.

ROTTA, C.T. Educação médica e a prática do profissional de saúde. Simpósio In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA PSICOSSOMÁTICA, 6., 1988, Curitiba. Sociedade Brasileira de Medicina Psicossomática. *Anais*. Curitiba, 1988.

SAMPAIO, C.A.M. Atualização no ensino de Graduação ao Curso Básico da Área Biomédica. Departamento de Bioquímica, Escola Paulista de Medicina. São Paulo. *Mimeografado*, p.3-25, 1985.

THIOLLENT, M. Aspectos sociais da didática universitária. *CEDES: Educação e sociedade*. 4:18-19, 1979.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. Atlas, 1987, 175p.

WINGO, G.M. Seminário de Didática do Ensino Superior. Primeiro Curso de Pedagogia Médica de Goiânia, Universidade Federal de Goiás. *Apostila*. p. 24-26, 1968.

Recebido em: 20/11/00

Aceito em: 18/07/01